

Inflação, eleição e especulação

Ao longo dos últimos anos, foram muitos os agentes econômicos e até políticos que pregaram o grande mal que as eleições fazem para a economia brasileira. Este raciocínio prega que, para um país pobre como o Brasil, eleições muito frequentes são muito caras para a Nação e que gastam-se recursos escassos num exercício fútil sem muito sentido; e, que estes recursos poderiam ser melhor aplicados em obras e programas que beneficiassem mais diretamente o povo.

De fato, no período de dez anos entre 1985 e 1994, o eleitorado brasileiro teria ido às urnas oito vezes; pois, apenas nos anos de 1987 e 1991 não haveriam eleições (municipais, gerais, presidenciais ou até plebiscito). Oito pleitos em dez anos é sem dúvida um marco que nem os países ricos do Primeiro Mundo conseguem igualar.

É possível que haja alguma relação entre eleição e inflação? Analisando-se os três últimos pleitos gerais realizados durante o período militar (1974, 1978 e 1982) observamos que sim, houve um surto inflacionário associado com estes anos, especialmente em 1982. Os monetaristas apontariam as causas na política econômica populista dos governos militares de então (baixos juros e muito dinheiro em circulação), para tentar favorecer seus candidatos da Arena e PDS naqueles pleitos. Nota-se que foram justamente nestes pleitos onde a competição eleitoral começou a ficar mais livre, e que a oposição política/eleitoral ao regime militar cresceu. Uma das razões da renúncia do gal. Golbery em agosto de 1981, foi a sua frustração em não poder, desde já, articular uma política econômica mais populista para 1982 — coisa que acabou acontecendo, quando se tornou patente que os casuísmos praticados sobre os partidos políticos e o sistema eleitoral não iam surtir os efeitos desejados.

Como vimos, em 1986, as perspectivas, por parte do PFL, de uma política de "torneiras abertas" embalada com generosas e seletivas distribuições dos recursos de fundo perdido geridos por uma inflação ascendente, foram frustradas com a decretação do plano Cruzado I no final de fevereiro de 1986. Ao contrário do desejado, este Plano beneficiou justamente os candidatos do PMDB.

Mas, agora na campanha presidencial de 1989, como que a economia e a especulação financeira afetam a campanha e vice-versa? Aparentemente, enquanto o candidato Fernando Collor de Mello liderava folgadoamente as pesquisas de opinião, o mercado financeiro ficava tranquilo, com a exceção de eventuais "frituras" dos ministros da área econômica armadas pelo Botanic Garden e seus aliados, até que notícias foram veiculadas em certos jornais, dando conta de que os credores e empresas multinacionais estavam tranqui-

los quanto à perspectiva de Collor se eleger presidente do Brasil.

Mas, vejamos bem, na primeira grande queda na popularidade de Collor, acompanhada por uma ligeira subida do candidato dos operários, o torneiro mecânico, Lula, o dólar e o ouro dispararam em cifras históricas de 15-16 por cento num dia. Na sequência de quedas continuadas de Collor, que não foram acompanhadas por uma subida forte do candidato do PL, Afif Domingos, os empresários começaram a se desesperar e preconizar o caos, se um torneiro mecânico viesse a ser o Presidente da República em 1990.

Estas foram as razões mais frequentemente citadas para explicar os aumentos bruscos do dólar no **black** e do ouro, que mesmo a intervenção do Banco Central não conseguiu contornar. A reação monetarista para controlar estas tendências foi para elevar os juros do **overnight** para patamares perto a 35 por cento ao mês — que por sua vez puxariam a inflação de outubro para além de 40 por cento. Esta sequência de acontecimentos tem uma certa "circularidade", em que a inflação ascendente tende a puxar os preços cada vez mais para cima e fomentar um desespero ainda maior na tão sofrida classe média, cujos salários são reajustados abaixo do IPC; e também nas chamadas "classes C-D-E". Como aconteceu em outubro/novembro do ano passado, este desespero levou estes eleitores a rejeitar os políticos de partidos já experimentados (situação) como PMDB, PFL, PDS, PTB etc. e buscar candidatos de partidos com **idéias e propostas** novas como outra alternativa — como foi o caso do PT em São Paulo e Porto Alegre. Nesta capital, até o PDT situacionista foi rejeitado. Assim, esta sequência poderia empurrar a candidatura de Lula mais para cima ainda nas pesquisas de preferência do eleitorado especialmente no Centro-Sul, nas próximas semanas. Por sua vez, isto poderia realimentar outras altas no dólar e no ouro, e assim por diante.

Foi com esta perspectiva **black**, que o ministro. Mailson da Nóbrega sacou a sua arma mais eficaz para coagir acordos de preços setor por setor entre empresários, até então impermeáveis a este tipo de apelo. Resta saber se os efeitos serão sentidos ainda no primeiro turno, ou somente no segundo.

Há ainda um efeito "psicológico" produzido por estes fatos que, provavelmente tenha consequências mais duradouras. Quando os empresários e os banqueiros começam a manifestar desespero publicamente quanto à possibilidade de Lula ganhar a eleição, reforça a imagem dele de "defensor do povo" contra estes grupos, que nunca gozaram de muita simpatia entre o povo. "Se estes falam mal de Lula, ele deve ser bom."